

ISABEL NERY

SOPHIA
de Mello Breyner Andresen

a esfera  dos livros

A Esfera dos Livros
Rua Professor Reinaldo dos Santos, 42, r/c
1500-507 Lisboa
Tel. 213 404 060
Fax 213 404 069
www.esferadoslivros.pt

Distribuição VASP
MLP-Media Logística Park
Quinta do Granjal – Venda Seca
2739-511 Agualva-Cacém
encomendaslivros@vasp.pt
Telefone: 214 337 017

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© Isabel Nery, 2019
© A Esfera dos Livros, 2019

1.ª edição: maio de 2019

Capa: dprojetos.pt
Fotografia da capa: Fernando Lemos, década de 1940/50

Paginação: dprojetos.pt
Revisão: Vasco Grácio

Impressão e acabamento: Multitipo – Arters Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 454 450/19
ISBN: 978-989-626-872-5

*Aos poetas e a todos
os que amam a palavra.*

INTRODUÇÃO

No ano em que se publica esta biografia completa-se um século (1919-2019) sobre o nascimento de Sophia.

Porque sem memória não há história e sem história não há entendimento sobre o que nos rodeia, parti em busca da poeta que confiava na realidade¹. Através de muitas entrevistas, mas também da consulta de arquivos em Portugal, na Dinamarca e na Alemanha, além de dezenas de livros, páginas de jornais, artigos científicos, teses, filmes e documentários.

Nalguns casos, o acesso a documentos que considerava fundamentais implicou viagens ao estrangeiro, noutras exigiu esperas de um ano, como aconteceu com o processo académico de Sophia arquivado na Universidade de Lisboa, que me permite revelar nesta biografia a média que obteve para entrar na faculdade e o insucesso enquanto estudante universitária.

Os factos encontrados no seu processo académico podem parecer contraditórios com o mito Sophia, a que dedico um dos capítulos. Não lhe pude nem lhe quis escapar. Mas uma biografia rigorosa não pode deixar-se cegar pela aura que rodeia o biografado, neste caso a figura da única mulher escritora com honras de Panteão Nacional em Portugal.

Como compreender a sua obra sem saber um pouco mais sobre o que se passava no país (e tanta coisa se passava) enquanto cresceu? Sophia é bisneta de um dinamarquês que veio à aventura até Portugal. Como compreender a sua obra sem conhecer melhor este homem e que legado

cultural lhe deixou? Sophia era neta de ricos empresários e influentes aristocratas, mas lutou contra a ditadura. Como compreender a sua obra sem pesquisar o que ficou registado sobre ela nos processos da PIDE?

Ao perguntar a Eduardo Lourenço porque não haveria ainda uma biografia de Sophia, respondeu-me: «Porque o estatuto social dela não era de grande proximidade. As pessoas não se atrevem a explorar esse mundo para saber mais sobre ela.»

Perdoem-me, portanto, o atrevimento.

Esta não é uma biografia autorizada. Esta não é uma biografia da que sempre foi princesa.² Esta não é uma biografia para Sophia.

Esta é antes uma biografia sobre Sophia, uma demonstração de que a sua criação ganhou vida própria e não depende já exclusivamente das vontades da autora. Pertence aos leitores, aos portugueses – e ao mundo.

Ainda assim, parece-me importante admitir que caso me entregasse ao exercício (sempre algo demagógico) de tentar adivinhar se Sophia concordaria com esta biografia, a resposta provável seria: não. A poeta disse-o de várias maneiras: não lhe agradavam biografias³ nem percebia porque se queria saber quem é o escritor.⁴

Para alguns, estaremos, porventura, perante a heresia de contrariar os desejos de Sophia. Mas tal só acontece porque a poeta fez por merecê-lo – saiu de si e pertence agora aos leitores, desde os da mais tenra idade, através dos contos infantis, passando pelos da adolescência, através de livros como *Histórias da Terra e do Mar*, até à poesia e a textos de não ficção tão indispensáveis como *Contos Exemplares* ou as várias *Artes Poéticas*.

Quando me propus escrever uma reportagem biográfica sobre Sophia de Mello Breyner Andresen ainda não sabia que ia percorrer milhares de quilómetros para chegar a todos estes locais (mais de trinta): Porto – Casa Andresen – Casa de infância – Edifício do colégio onde estudou – Cemitério de Agramonte; Granja; Lagos – Restaurante «O Camilo» – Carvoeiro – Grutas – Meia Praia; Grécia – Atenas – Praça Syntagma – Acrópole – Mercado de Atenas – Coral Hotel – Museu da Acrópole – Museu Arqueológico de Atenas – Cabo Sunion – Delfos – Tolo – Nauplio – Canal de Corinto; Alemanha – Föhr – Oevenum – Hamburgo; Bairro da Graça – Restaurante «A Mourisca» – Igreja da Graça – Miradouro Sophia de

Mello Breyner Andresen – Travessa das Mónicas. Mas já sabia que eles seriam fundamentais na minha busca de Sophia.

Porque esta é uma biografia escrita por uma jornalista, mas mais ainda porque a poeta era uma autora que viajava, não se limitava a mudar de lugar. Se aceitarmos que os lugares permitem versões diferentes de nós próprios e se nos recordarmos como foram essenciais para a sua poesia objetiva, que falava do real, será fácil admitir a sua relevância.

Pus tanta determinação nesta linha de trabalho que decidi fazer reportagem mesmo nos lugares onde Sophia nunca esteve, como a ilha do mar do Norte, Föhr, de onde veio o primeiro Andresen para Portugal, e onde a poeta jamais desembarcou. Porém, e talvez contra todas as probabilidades, senti aí Sophia e a sua obra como em poucos outros sítios. Viajar até ao arquipélago alemão levou-me às raízes nórdicas de um mar (para além do grego e do algarvio) que me aproximou da minha biografada.

Nunca conheci Sophia, nem mesmo como jornalista. Por isso, esta acostagem à pessoa através dos lugares revelou-se primordial.

No entanto, também é verdade que sempre conheci Sophia. Através dos textos que nos deixou. Primeiro os lidos pela minha mãe, quando eu ainda não sabia juntar letras para dar sentido à existência de cavaleiros, anões e fadas, depois os de poesia, que me habituei a procurar em caso de necessidade (como uma espécie de paliativo para certas urgências morais e intelectuais) e mais tarde os que li aos meus filhos, fosse porque a escolaridade assim o exigia ou porque a mim me apetecia partilhar com eles aquela beleza literária. Aquela viagem. Aquela ética.

As palavras foram, portanto, o único lugar onde a pude encontrar, onde a pude conhecer. Até este livro.

Claro que é essencial entrar na obra para se escrever a biografia de um qualquer autor. Mas também é verdade que a escrita de Sophia é pouco autobiográfica. Estudar os textos ajudou-me a conhecer a escritora, o seu pensamento, a sua forma de estar na vida, mas não tanto a mulher, a mãe, a filha.

Por isso, e voltando ao facto de se tratar do trabalho de uma jornalista, esta biografia não me faria sentido sem as cerca de sessenta entrevistas e testemunhos que recolhi. Do pescador, José Muchacho, ao amigo

Manuel Alegre, até ao ensaísta Eduardo Lourenço, tradutores, investigadores e membros da família.

Embora os textos publicados até aqui e os testemunhos tenham sido dois dos pilares mais importantes desta investigação, falta ainda referir um outro, porventura menos vistoso, mas igualmente fundamental: a pesquisa de documentos, arquivos e contexto histórico, que considero essencial para qualquer aproximação escrupulosa à poeta portuguesa. Sem nunca perder de vista um reparo de Sophia aos jornalistas com que me identifico inteiramente: «As pessoas defendem o direito à informação como sendo o direito de o jornalista dizer o que quer e não como sendo o direito do público saber aquilo que precisa.»⁵ Nestas páginas, procurei sempre falar do que é preciso saber sobre a poeta.

Se o poeta é um escutador,⁶ e a poesia é como uma moral,⁷ aquilo que escreve precisa de ressonância. Sophia deixou-nos contos para crianças e textos para adultos que legam uma ética, um código de conduta (o bem sobre o mal; o justo sobre o injusto; a aristocracia para todos sobre a pobreza). Como não reconhecer a atualidade da sua obra em pleno século XXI?

Numa altura em que tantas vezes parecemos moralmente dormentes, aprofundar o conhecimento sobre a autora e os seus escritos é o melhor tributo que lhe podemos deixar. Ela que pendurou palavras na ponta das espingardas para chamar «velho abutre»⁸ ao ditador; ela que usou de pontaria certa na Assembleia Constituinte, onde lembrou que só haveria liberdade se houvesse justiça e que um Portugal mais justo passava por um Portugal mais culto, não apenas um país de intelectuais nas suas torres de marfim,⁹ mas também de pescadores e artesãos que guardam a verdade das coisas; ela que teve a coragem de dizer adeus às armas quando constatou que, depois do 25 de Abril, a poesia esteve na rua, mas rapidamente voltou para dentro de casa.¹⁰ Ela que apontou aos que tinham as mãos sujas do mundo.

A verdade é que já tardava a biografia de uma portuguesa que foi poeta porque escrever era a sua verdadeira participação política.¹¹ De uma autora que nunca se identificou como feminista, e a quem o estatuto social libertou das contingências das mulheres nomeadas por Virginia Woolf,¹² que podiam ter sido pretexto para se deixar tolher. Ter-se quedado no

conforto dos que já têm suficiente. Pelo contrário, optou por fazer do poema um artefacto, uma forma de expressão. De luta.

Sophia foi uma mulher que fez acontecer Portugal.

Para tanto lhe bastaria a sua poesia lapidar, que é impossível condensar. Uma poesia que é mais do ver e do olhar e menos do eu. Uma poesia de resistência, como é hoje tratada internacionalmente,¹³ e que me levou a aprofundar especialmente o papel político de Sophia, tanto pela sua escrita de intervenção durante o Estado Novo, como pela participação na Constituinte ou pelo legado ético de textos como *Artes Poéticas I, II, III, IV e V*. Talvez por isso, a poesia dela seja «um confronto entre o indivíduo e o universo, muito além da sociedade e da família», como lembra o tradutor Alexis Levitin.¹⁴

Num ponto fui especialmente respeitosa dos desejos de Sophia: mesmo contra o corretor ortográfico, nestas mais de 300 páginas de biografia, Sophia foi sempre poeta e nunca poetisa,¹⁵ palavra que entendia menor e carente da universalidade que atribuía à sua arte de contar o mundo em verso.

Em 1989, dizia ao jornal *Expresso* que a única obrigação do poeta é escrever poemas. «O verdadeiro artista não inventa, vê». E assim vive «de um modo mais total».¹⁶

É nesta totalidade que se esconde, muitas vezes, a verdadeira fundura do que nos deixou. Acessível a todos graças à sua escrita limpa, simples e direta, traz o leitor ao «engano». Nessa expressão atenta e realista entrega-nos o sentido trágico da existência e a força do convívio do humano com a natureza. Mas não num primeiro encontro. É preciso estar disposto a mergulhar de olhos abertos,¹⁷ como Sophia gostava de fazer, para não faltar à chamada com esta intensa exigência moral e esta pureza das palavras.

Por fim, uma nota mais pessoal. Só quando ia já avançada nesta pesquisa me dei conta de que os meus dois livros de reportagem (*As Prisioneiras*¹⁸ e agora a biografia de Sophia) não podiam ser mais paradoxais. Um fala dos excluídos; o outro dos exclusivos.

Pertencente a uma elite intelectual e aristocrática (pelo lado do avô Mello Breyner), Sophia não é o povo português, mas contém o povo português. Porque fez questão que assim fosse. Porque não se contentou

com o conforto à nascença. Porque quis mais para todos e não apenas para os alguns a que já pertencia.

Talvez seja esta a principal razão que me levou a aceitar o desafio da Esfera dos Livros, através do Francisco Camacho, para escrever a biografia de Sophia, na esperança de estar a contribuir para a reconquistar para todos. Não apenas as crianças que leem os contos infantis ou os intelectuais que comentam e se apropriam da sua poesia. Mas a Sophia que representa o que os portugueses têm de melhor: o sentido de solidariedade e a integração das diferenças.

Com a aproximação do centenário do nascimento da poeta, que faria cem anos no dia 6 de novembro de 2019, espero deixar aos leitores a possibilidade de melhor decifrarem o mundo de Sophia de Mello Breyner Andresen através da sua vida e da sua história.

Se alguém me perguntar se consegui encontrar Sophia nesta busca quase insana entre testemunhos, livros, arquivos – e lugares –, não sei se saberei responder. Acredito que me aproximei como poucos.

Para alguns, Sophia era ativa, uma «qualidade» que os portugueses apreciam.¹⁹ Para outros era austera, fria, distante e até arrogante. Poucas vezes terna, muitas vezes sarcástica, assentavam-lhe bem palavras como beleza, inteireza e coragem.

Para mim, Sophia foi apenas Sophia. Com o tudo e o tanto que isso significa.

Isabel Nery